

FALE COM A GENTE!

Editor Marcelo Santos
E-mail economia@atribuna.com.br
Telefone 2102-7274

ECONOMIA

Produção de café acelera expansão

Crescimento será de 25% em uma década, segundo ex-ministro

EDUARDO BRANDÃO
DA REDAÇÃO

A produção brasileira de café ganhará fôlego para crescer até 25% nos próximos dez anos. A previsão é do ex-ministro da Agricultura (de 2003 a 2006) e coordenador de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Roberto Rodrigues.

Ele abriu ontem os debates do último dia do 22º Seminário Internacional de Café de Santos, no Sofitel Jequitimar, em Guarujá. O evento é organizado pela Associação Comercial de Santos (ACS).

Nessa edição o seminário abordou o tema *Quebrando recordes*, sobre a expectativa de grande safra neste ano.

Segundo Rodrigues, a estimativa se baseia na capacidade ociosa das lavouras brasileiras e nas mais recentes técnicas agrícolas de maximização das áreas plantadas.

Com isso, o café nacional ajudará a suprir a crescente demanda global pelo produto, com expansão anual média de 2,5%. Contribuem para esse cenário o interesse de países emergentes pela bebida e a queda na participação global de produtores como Costa Rica,

MERCADO



"Enquanto no Brasil houve uma ampliação de 96% (na produção), o restante do mundo teve variação de 47%. É um sinal de que o consumo interno nos países produtores cresceu muito rápido"

José Sette
diretor-executivo da Organização Internacional do Café (OIC)

México e Colômbia.

"O café tem uma contribuição relevante (para a balança comercial do Brasil). Diferente do arroz ou do feijão, ele incorpora um fator importante, o

prazer", afirma ele.

Rodrigues diz que os grãos em geral correspondem com até um quarto das exportações nacionais – o café representa 60% desse montante. "A economia brasileira cresceu 1% no ano passado. O agronegócio representou 73% do PIB (Produto Interno Bruto)".

Para este ano, a produção brasileira caminha para marca recorde – 55,3 milhões de sacas de 60 quilos, o equivalente a 3,3 milhões de toneladas, conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar de resultado, as zonas cafeeiras nacionais ainda estão aquém da capacidade máxima, segundo analistas.

CRESCIMENTO CONTÍNUO

A expectativa de ampliação segue ritmo da séria histórica das duas últimas décadas. No período, a produção brasileira da *commodity* registrou o dobro do crescimento da taxa mundial – partiu de 16 milhões de sacas em 1996 para 30 milhões em 2016.

"Enquanto no Brasil houve uma ampliação de 96%, o restante do mundo teve variação de 47%. É um sinal de que o



Rodrigues, ex-ministro da Agricultura: café brasileiro vai suprir crescente demanda global pelo produto

PREVISÃO DO IBGE

O IBGE atualizou ontem a estimativa de produção do café no Brasil, que apontou uma safra recorde. Os produtores devem colher 2,5 milhões de toneladas (42,1 milhões de sacas) de café arábica. Já o café conilon (robusta), a previsão é de 789,7 mil toneladas (13,16 milhões de sacas). Segundo o órgão, o clima mais chuvoso tem favorecido as lavouras nos principais estados produtores. No entanto, a estiagem preocupa os cafeicultores da região sul mineira, a maior produtora. O tema marcou a abertura do seminário, na quarta-feira. Naquela localidade, chuvas intensas devem ocorrer apenas em outubro, o que pode impactar a produção em Minas Gerais.

consumo interno nos países produtores cresceu muito rápido", afirma o diretor executivo da Organização Internacional do Café (OIC), José Sette.

O maior apetite global pelo café também foi destacado por

David Neumann, sócio-administrador da Neumann Gruppe GmbH – empresa alemã especializada em produções agrícolas.

O volume de negociado de café crescerá 25%, segundo a

empresa, nos próximos quatro anos. A venda das atuais 150 milhões de sacas aumentará para 190 milhões.

Segundo ele, mercados como Ásia (sem a China) e África devem ditar o crescimento da demanda pela bebida. A procura global tende a ser mais acentuada para o café arábica. "É uma boa notícia para o Brasil".

Isso porque nove em cada dez quilos colhidos nas zonas cafeeiras nacionais são dessa variedade.

Neumann indica ainda a ampliação de grãos premium, em especial nos mercados emergentes. A alta se deve ao crescimento populacional e o maior poder aquisitivo nesses locais.

Próximo desafio: agregar valor ao grão

Apesar de ser o maior produtor de café do mundo, o Brasil ainda patina no processo de agregar valor ao grão embarcado ao exterior. O diagnóstico foi apontado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), que listou as dificuldades do País nas vendas desse produto industrializado.

Especialistas do mercado acreditam que a reversão desse quadro é fundamental para ampliar a participação do produto na balança comercial brasileira e fortalecer a imagem do café local no mercado global.

O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues afirma que o Brasil é responsável por um terço de todo o café verde (em grãos) do mundo. Contudo, responde por apenas 2% das vendas do produto industrializado (torrado e moído).

"Há uma variável nessa questão, que é a agregação de valores, que implica a negociação comercial para aumentar essa participação sem que implique



Cafezinho em estande do seminário: alemães sabem agregar valor

tarifas maiores", diz.

O diretor executivo da Organização Internacional do Café (OIC), José Sette, cita a Alemanha, o segundo maior consumidor do café brasileiro, com 18% das exportações locais, atrás somente dos Estados Unidos.

Apesar de não ter nenhum pé de café, o país europeu é um

tradicional exportador da bebida processada, que agrega valor maior na revenda.

Em 2016, a indústria cafeeira alemã exportou 1 milhão de sacas do solúvel. "O Brasil tem condições de aumentar a participação (em venda do produto com valor agregado). É uma oportunidade de futuro".

No entanto, ele alerta que o Brasil depende de investimento e inteligência para competir com os tradicionais fabricantes da commodity.

No final de março, a Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics) lançou projeto para fortalecer os embarques do produto com maior valor agregado.

O objetivo da investida é garantir a fatia atual de mercado e ampliar a presença nos mais de 140 países que importam os grãos verdes do Brasil.

Sette pondera ainda ampliar a participação nos países fora da Zona do Euro (Europa Oriental) a fim de aumentar os ganhos do setor. "É um mercado que pode ser ampliado, dada a baixa participação".

Outra aposta é diversificar a safra dos grãos do tipo robusta (conilon, comum no Espírito Santo e Rondônia). A variedade representa até dois quintos das vendas mundiais, mas no Brasil o conilon não ultrapassa 12%.